

MONITOR ECONÔMICO

Junho.2017



CENÁRIO
INTERNACIONAL



CENÁRIO
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL

SUMÁRIO



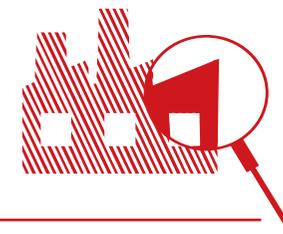
CENÁRIO INTERNACIONAL

SÍNTESE	<u>03</u>
ECONOMIA MUNDIAL	<u>04</u>



CENÁRIO BRASIL E MINAS

PIB	<u>07</u>
PRODUÇÃO INDUSTRIAL	<u>09</u>
CONFIANÇA E EXPECTATIVAS	<u>12</u>
FATURAMENTO	<u>13</u>
SERVIÇOS	<u>14</u>
COMÉRCIO	<u>15</u>
EMPREGO	<u>16</u>
CRÉDITO	<u>18</u>
FINANÇAS PÚBLICAS	<u>20</u>
INFLAÇÃO E JUROS	<u>21</u>
CÂMBIO	<u>22</u>
SETOR EXTERNO	<u>23</u>
PROJEÇÕES	<u>26</u>



ANÁLISE SETORIAL

AUTOMOTIVO	<u>27</u>
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	<u>28</u>
CONSTRUÇÃO CIVIL	<u>29</u>
INDÚSTRIA EXTRATIVA	<u>30</u>
METALURGIA	<u>31</u>

SÍNTESE

Em maio, os Estados Unidos anunciaram a saída do Acordo de Paris e do Acordo de livre-comércio Transpacífico. A taxa de desemprego americana caiu pela segunda vez abaixo do nível definido como não inflacionário e, apesar da desaceleração no ritmo de criação de vagas e da relativa rigidez nos salários, o FED aumentou a taxa de juros em 0,25 ponto percentual.

O potencial fortalecimento da moeda americana, associado ao rebaixamento da nota da China pela agência de classificação de risco Moody's, forçou o governo chinês a modificar sua fórmula de cálculo de referência do yuan contra o dólar. Esse fenômeno marca um recuo nas reformas liberais do país, que tenta evitar um *hard landing* em um contexto de reestruturação do sistema financeiro.

Na Europa, observa-se a retomada paulatina da confiança, um melhor desempenho de indicadores macroeconômicos, assim como perspectivas de estreitamento das relações entre a França e a Alemanha. Contudo, o Banco Central Europeu (BCE) manteve inalterada sua política monetária, tendo em vista a baixa inflação.

ECONOMIA MUNDIAL

PIB 2016 3,1%

PIB 2017^(e) 3,5%

PIB 2018^(e) 3,6%

O PIB brasileiro cresceu 1,0% no primeiro trimestre de 2017, na comparação com o quarto trimestre de 2016, na base livre de influências sazonais, totalizando R\$ 1,595 trilhão. Esse foi o primeiro resultado positivo após oito trimestres seguidos de queda, período em que o produto nacional recuou 7,2%. O resultado no trimestre foi influenciado principalmente pelo excelente desempenho do setor agropecuário, que cresceu 13,4% ante o trimestre imediatamente anterior e superou as expectativas, que projetavam um crescimento próximo a 11,0%.

O PIB do setor industrial avançou 0,9% no primeiro trimestre de 2017. Todas as atividades industriais registraram resultado positivo frente ao trimestre imediatamente anterior. O destaque coube à atividade de produção e distribuição de eletricidade, gás, água e esgoto, que cresceu 3,3% no período. O setor extrativo expandiu-se 1,7% ante o quarto trimestre de 2016, impulsionado, principalmente, pelo bom nível de preços do minério de ferro no mercado internacional durante os três primeiros meses do ano.

PIB BRASIL 2017^(e) 0,4 %

PRODUÇÃO INDUSTRIAL Indústria Geral 2017^(e) 0,6 %

A produção industrial brasileira cresceu 0,6% em abril/17, ante o mês anterior, na série livre de influências sazonais. Esse foi o melhor resultado para o mês de abril desde 2013 (+0,9%). Minas Gerais acompanhou o resultado nacional, com expansão de 0,5% no mês. No acumulado do ano, a produção industrial subiu 2% em Minas Gerais, em relação a igual período de 2016, com avanço mais forte do que a indústria nacional, refletindo o diferencial de desempenho da indústria extrativa (+14,2% em Minas Gerais e +7,2% no Brasil).

A taxa de desemprego no Brasil situou-se em 13,6% no trimestre móvel de fevereiro a abril de 2017, uma queda de 0,1 ponto percentual (p.p.) em relação ao trimestre móvel anterior (a primeira desde novembro de 2014). O desemprego alcança 14 milhões de brasileiros e a retração no mercado de trabalho tem sido marcada pela redução no número de empregados com carteira assinada no setor privado.

O COPOM reduziu a taxa básica de juro em 1,00 p.p., para 10,25% a.a.. O ciclo de redução da Selic tornou-se indispensável para impulsionar a lenta e gradual recuperação do consumo e do investimento. Contudo, em virtude das incertezas políticas, as estimativas para variação do PIB brasileiro em 2017 vêm sendo revistas, aumentando a probabilidade (não desprezível) de novo recuo da atividade nesse ano.



CENÁRIO INTERNACIONAL

EUA

PIB 2016	1,6 %
PIB 2017(e)	2,3 %
PIB 2018(e)	2,5 %



**PLENO EMPREGO
E CONFIANÇA
DAS EMPRESAS
APOIAM O
PROCESSO DE
NORMALIZAÇÃO
MONETÁRIA**

Em maio, houve criação de 138.000 vagas de emprego nos EUA. Apesar do resultado abaixo do esperado (182.000 postos), a taxa de desemprego caiu para 4,3%, confirmando esse nível recorde como um “novo normal” no mercado de trabalho norte-americano. Contudo, ainda não se observam aumentos reais nos salários (+0,2% em maio e +2,5% na variação anual).

No último dia 14/06, o banco central americano decidiu aumentar os juros em 0,25 ponto percentual. Além de tal decisão, o Comitê da Política Monetária - FOMC indica que a redução do balanço patrimonial do FED se dará, em um ritmo lento, a partir de outubro/17. Para o Brasil, essas medidas poderão resultar na desvalorização do real frente ao dólar, com potenciais fugas de capital do país.

O PMI subiu para 54,9 pontos em maio, ligeiramente superior ao resultado do mês anterior (54,8 pontos). Apesar de um declínio no ritmo de crescimento da produção e da elevação do déficit comercial (aumento das importações, causado pelo maior consumo das famílias e queda das exportações, devido ao crescimento global ainda fraco), os novos pedidos e a criação de empregos seguiram uma dinâmica positiva e refletiram a base sólida do crescimento norte-americano.

Na esfera política, o presidente Donald Trump anunciou a saída dos Estados Unidos do TPP (Acordo de Livre-Comércio Transpacífico) e do Acordo de Paris sobre o clima, confirmando o seu viés protecionista e gerando incertezas nos mercados mundiais. Os EUA ainda analisam a interrupção de outros acordos multilaterais, entre eles o NAFTA. No entanto, no mês de maio, foi celebrado o tratado com a China para exportação de carne bovina americana. Esse assunto deve ser monitorado pela indústria mineira, tendo em vista a importância do mercado chinês para as exportações mineiras de carnes bovinas (US\$ 88 milhões em 2016).



CENÁRIO INTERNACIONAL

ÁREA DO EURO	PIB 2016	1,7 %
	PIB 2017(e)	1,7 %
	PIB 2018(e)	1,6 %



**BASES SÓLIDAS
AO CRESCIMENTO
E QUEDA DO
DESEMPREGO
NÃO SÃO
SUFICIENTES
PARA REVERTER
A POLÍTICA
MONETÁRIA DO
BCE**

O destaque do mês de maio foi a queda do desemprego (9,3%) na Área do Euro, nível mais baixo desde março/09, confirmando a recuperação econômica do bloco. Essa tendência está alinhada com o PMI, que se manteve em 56,8 pontos no mês, sinalizando um nível de atividade com perspectivas positivas, sobretudo no setor industrial (PMI de 57,0 pontos, maior resultado dos últimos seis anos). Entre os países do bloco, a França e a Alemanha registraram os melhores resultados de atividade no mês. No caso alemão, a robustez do crescimento (+0,4% no último trimestre de 2016 e +0,6% no primeiro trimestre desse ano), foi oriunda do aumento das demandas interna e externa. O consumo das famílias (+0,3%), o investimento (+2,3%) e as exportações líquidas (+0,4%) mostram o dinamismo da maior economia europeia.

Contudo, os bons resultados ainda não se traduziram em pressões inflacionárias. O fenômeno se explica pela manutenção da capacidade ociosa no mercado de trabalho, impedindo uma maior pressão nos salários. A inflação na região, que apresenta tendência de queda, atingiu 1,4% no acumulado dos últimos 12 meses, resultado abaixo da meta de 2,0%. Destaca-se que essa variação não foi explicada somente pela queda dos preços de energia, tendo em vista que o núcleo de inflação, que exclui os preços de alimentos e energia, foi de 1,3% em abril e 0,9% em maio, na média dos últimos 12 meses. O baixo nível de pressões inflacionárias, em um contexto de queda nos preços de *commodities*, motivou o BCE a confirmar a manutenção da política de expansão monetária.

No campo político, encontros entre os chefes de Estado francês e alemão sugerem um estreitamento dos laços entre os dois países, na tentativa de criar uma dinâmica de coordenação fiscal dentro da área. Na Grécia, apesar da boa avaliação das ações promovidas pelo governo, credores internacionais não chegaram à um acordo sobre medidas de alívio da dívida. No entanto, especialistas avaliam que um consenso está próximo.



CENÁRIO INTERNACIONAL

CHINA

PIB 2016 6,7 %

PIB 2017(e) 6,6 %

PIB 2018(e) 6,2 %



O destaque do mês de maio foi o rebaixamento da nota do país pela agência Moody's, decisão motivada pelo alto nível de endividamento associado à uma perspectiva de menor ritmo de crescimento. Essa notícia chega em um momento no qual o governo chinês reforçou os controles sobre o sistema financeiro e apertou as condições de acesso ao crédito.

A desalavancagem atingiu o setor industrial (crescimento de 6,5% em abril contra 7,6% em março). Uma consequência direta das medidas de aperto para a indústria mineira foi a queda brusca das cotações do minério de ferro. Na Ásia, os preços futuros caíram 18,0% em maio, para um nível similar ao de outubro/16 (US\$ 54,30 a tonelada). No setor imobiliário, após episódios de volatilidade de preços, a queda no ritmo de crescimento das vendas pode representar um declínio contínuo na indústria e na demanda por minério.

Observa-se uma estabilização do PMI manufatureiro, que alcançou 51,2 pontos em maio. Apesar da manutenção do resultado de abril, no qual todos os indicadores e sub indicadores declinaram, houve uma leve melhora nas exportações (+0,1 ponto) e no emprego (+0,2 ponto, apesar do sub índice estar abaixo dos 50 pontos). As exportações chinesas (+8,7% anual) continuam sendo alimentadas pela forte demanda europeia e pela desvalorização da moeda chinesa contra o euro. Se não houver medidas protecionistas americanas, a demanda global prevista para 2017 pode contribuir positivamente para a tendência de alta das exportações chinesas, apesar do enfraquecimento relativo do dólar em relação ao yuan.

Após o anúncio da agência Moody's e do aumento dos juros nos EUA, as autoridades chinesas modificaram a fórmula de cálculo da referência diária da paridade yuan-dólar, com o objetivo de evitar uma forte desvalorização e instabilidade nos mercados. Essa manobra, baseada na inclusão de um fator contracíclico na fixação da taxa de câmbio chinesa, reduz a influência do mercado na determinação do preço da moeda e representa um recuo em relação às promessas de limitação na intervenção do governo no câmbio.

**AUTORIDADES
REFORÇAM O
CONTROLE PARA
LIMITAR OS
RISCOS DE UM
HARD LANDING.**



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUTO INTERNO BRUTO . BRASIL

O PIB brasileiro cresceu 1,0% no primeiro trimestre de 2017, na comparação com o quarto trimestre de 2016, na base livre de influências sazonais, totalizando R\$ 1,595 trilhão. Esse foi o primeiro resultado positivo do PIB após registrar oito trimestres seguidos de queda, período em que o produto nacional recuou 7,2% no acumulado.

O resultado no trimestre foi influenciado principalmente pelo excelente desempenho do setor agropecuário, que cresceu 13,4% ante o trimestre imediatamente anterior e superou as expectativas, que projetavam um crescimento próximo a 11,0%.

Pelo lado da demanda, destacam-se as retrações da formação bruta de capital fixo (-1,6%), das despesas do governo (-0,6%) e do consumo das famílias (-0,1%). Os resultados demonstram que a demanda interna segue negativamente impactada pela deterioração do emprego, da renda e pelos baixos níveis de confiança de empresários e consumidores.

O PIB acumulado em quatro trimestres manteve a trajetória de recuperação iniciada no terceiro trimestre de 2016, apresentando recuos menores, com queda de 2,3% no início de 2017, após registrar redução de 3,6% no final do ano passado.

Isto posto, projeta-se um crescimento de 0,4% do PIB em 2017, seguido de um avanço, de 2,2%, em 2018.

PIB 1º trimestre /2017 (Var.%)

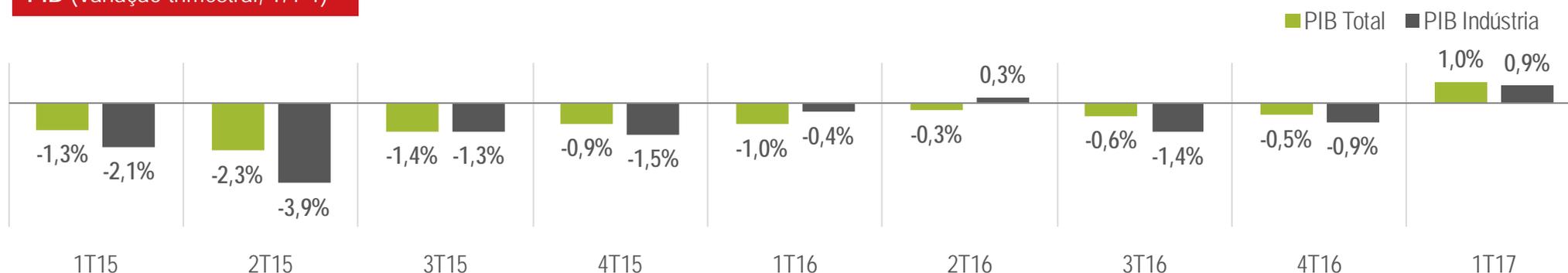
		EFETIVO			ESTIMATIVAS ANUAIS	
		Trim./Trim. anterior*	Trim./Mesmo trim. ano anterior	Acum. dos últimos quatro trim.	2017 ^(e)	2018 ^(e)
OFERTA	Agropecuária	13,4	15,2	0,3	9,5	1,5
	Indústria	0,9	-1,1	-2,4	0,4	2,9
	Serviços	0,0	-1,7	-2,3	-0,1	2,2
DEMANDA	Consumo	-0,1	-1,9	-3,3	0,7	3,3
	Governo	-0,6	-1,3	-0,7	-0,5	1,8
	Investimentos	-1,6	-3,7	-6,7	-2,3	2,5
	Exportações	4,8	1,9	-0,4	3,0	5,2
	Importações	1,8	9,8	-2,7	1,4	3,2
PIB		1,0	-0,4	-2,3	0,4	2,2

Obs.: *Com ajuste sazonal.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PIB (Variação trimestral, T/T-1)



PRODUTO INTERNO BRUTO . BRASIL

O PIB do setor industrial avançou 0,9% no primeiro trimestre de 2017, resultado um pouco abaixo da estimativa de 1,1%, acompanhando o bom desempenho do setor agropecuário no período.

Todas as atividades industriais registraram resultado positivo no primeiro trimestre de 2017 frente ao trimestre imediatamente anterior. A atividade de produção e distribuição de eletricidade, gás, água e esgoto cresceu 3,3%, prestando a maior contribuição positiva no período.

O setor extrativo expandiu 1,7% ante o quarto trimestre de 2016, impulsionado principalmente pelo bom nível de preços do minério de ferro no mercado internacional durante os três primeiros meses do ano.

Destacaram-se também a indústria de transformação, com taxa positiva de 0,9% e a construção, com avanço de 0,5%.

Na comparação com o primeiro trimestre de 2016, o valor adicionado da indústria caiu 1,1%. Destaca-se a queda de 1,0% na indústria de transformação, influenciada principalmente pelo decréscimo da produção de produtos alimentícios; produtos derivados do petróleo e biocombustíveis; móveis e equipamentos de transporte (exceto veículos automotivos).

Em contrapartida, a atividade extrativa mineral aumentou 9,7% no primeiro trimestre de 2017 frente a igual período de 2016, puxada pelo crescimento da extração de petróleo e gás natural e de minérios ferrosos.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

ABR-17 / MAR-17*	0,6%
ABR-17 / ABR-16	-4,5%
ACUMULADO NO ANO	-0,7%
2016	-6,6%
2017 ^(e)	0,6%
2018 ^(e)	2,5%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL . BRASIL

Após recuar 1,8% em março/17, a produção industrial brasileira voltou ao campo positivo, crescendo 0,6% em abril/17 ante o mês anterior, na série livre de influências sazonais. O avanço veio acima das expectativas do mercado, que apontavam para a estabilidade, representando o melhor resultado para o mês de abril desde 2013, quando a produção cresceu 0,9%.

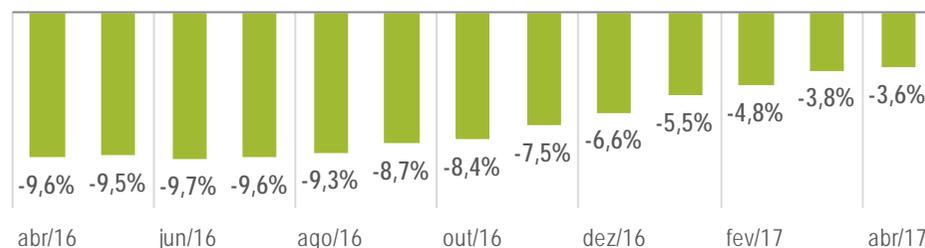
Na mesma base de comparação, destacaram-se positivamente os resultados dos setores farmoquímicos e farmacêuticos (+19,8%), veículos automotores (+3,4%) e coque e combustíveis (+2,0%). As maiores quedas foram registradas na indústria extrativa (-1,4%) e no setor de alimentos (-0,4%).

Apesar da expansão no mês, a produção recuou 0,2% na média móvel trimestral, o segundo resultado negativo seguido nessa base de comparação (-0,5% em março/17). Houve queda de 4,5% no indicador na comparação com abril/16, indicando um cenário de continuidade de baixo dinamismo da atividade econômica.

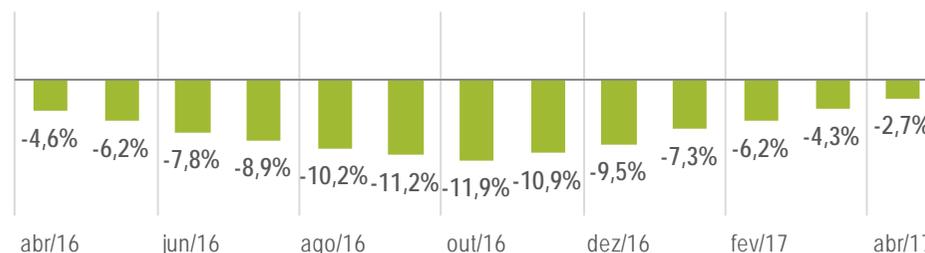
Entre os setores, houve predomínio de dados negativos ante abril/16, (18 dos 26 ramos pesquisados), com destaque para o setor de alimentos (-16,4%), principal responsável pelo recuo da produção industrial em cinco das 14 áreas pesquisadas (São Paulo, Goiás, Paraná, Mato Grosso e Pará).

No acumulado de janeiro a abril/17, a produção industrial retraiu 0,7% frente a igual período de 2016, após crescer 0,7% nos três meses anteriores. No acumulado em 12 meses, embora ainda se encontre em patamar negativo (-3,6%), o indicador manteve o comportamento observado nos últimos meses, registrando recuos cada vez menores.

INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA GERAL

ABR-17 / MAR-17*	0,5%
ABR-17 / ABR-16	-2,6%
ACUMULADO NO ANO	2,0%
2016	-6,2%
2017 ^(e)	1,9%

PRODUÇÃO INDUSTRIAL . MINAS GERAIS

A produção física de Minas Gerais acompanhou o resultado da indústria nacional e cresceu 0,5% em abril/17, na base dessazonalizada frente ao mês imediatamente anterior, após registrar forte recuo em março/17 (-2,3%).

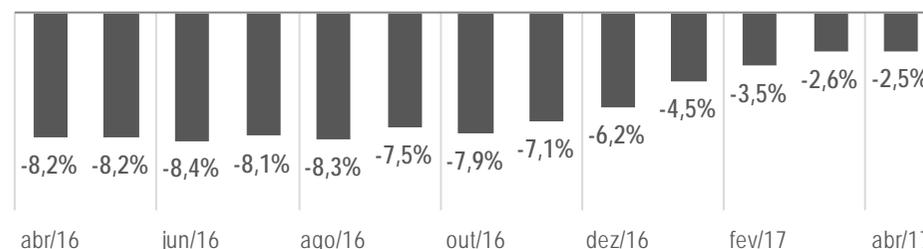
Ainda assim, comparado a abril/16, o indicador registrou retração de 2,6%, assinalando o primeiro resultado negativo do ano nesse tipo de confronto. Um grupo de dez, entre treze setores pesquisados, apontou queda na produção no período. As principais influências negativas vieram dos setores veículos automotores, reboques e carrocerias (-10,5%) e produtos alimentícios (-7,5%). Com resultado positivo, destaca-se o crescimento de 3,5% na indústria extrativa.

O setor extrativo foi o principal responsável pelo bom desempenho da indústria mineira nos quatro primeiros meses do ano. No acumulado de janeiro a abril/17, a produção industrial cresceu 2% em Minas Gerais, em relação a igual período de 2016, reforçando a trajetória de avanço mais forte do que a observada para a indústria nacional, refletindo o diferencial de desempenho da indústria extrativa (+14,2% em Minas Gerais e +7,2% no Brasil).

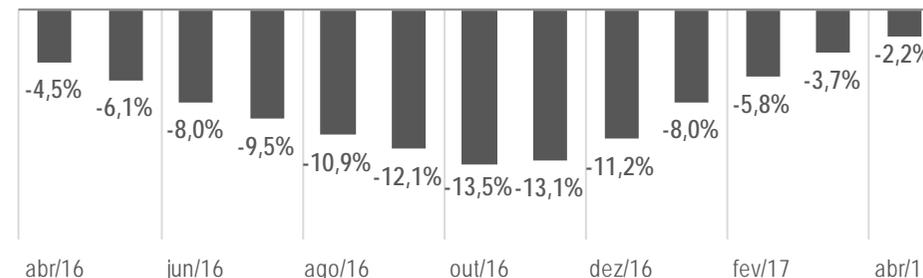
Vale destacar também, o desempenho do setor de máquinas e equipamentos, que cresceu 10,6%, dado o avanço da fabricação de produtos ligados à extração mineral e à produção agrícola.

Finalmente, no acumulado dos últimos doze meses, a produção recuou 2,5%, mantendo a tendência de redução na intensidade de queda (iniciada em novembro do ano passado).

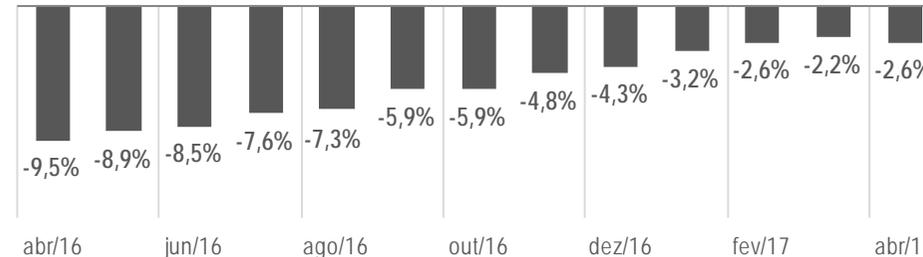
INDÚSTRIA GERAL (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (Var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)



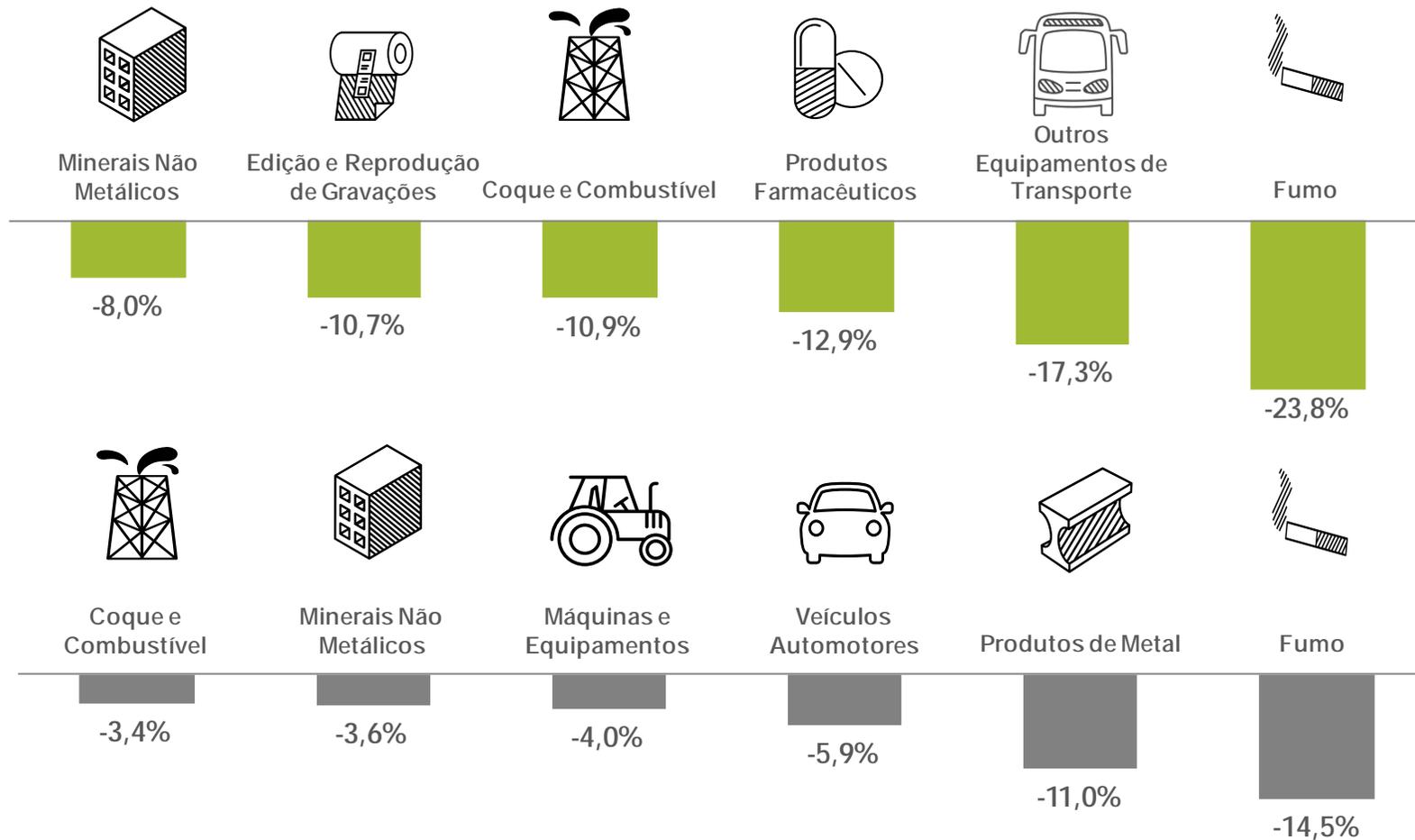
Fonte: IBGE, FIEMG. | (e)Estimativas: FIEMG (17/04/17). | *Com ajuste sazonal.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS
(VAR. % ACUMULADA EM 12 MESES)*

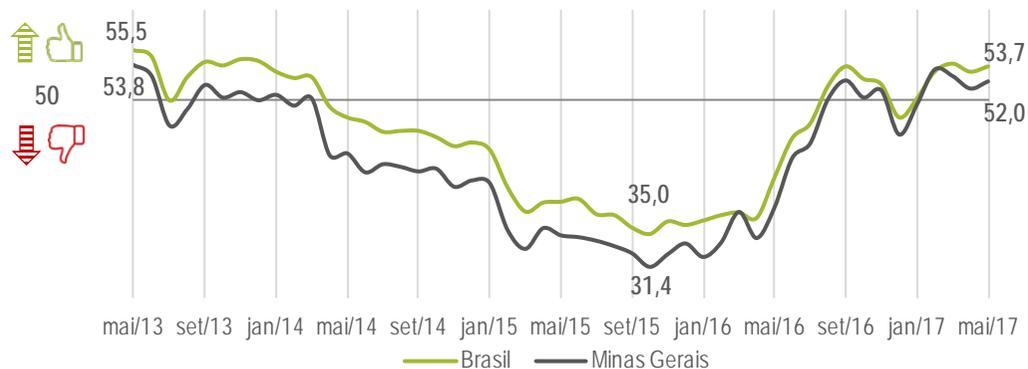




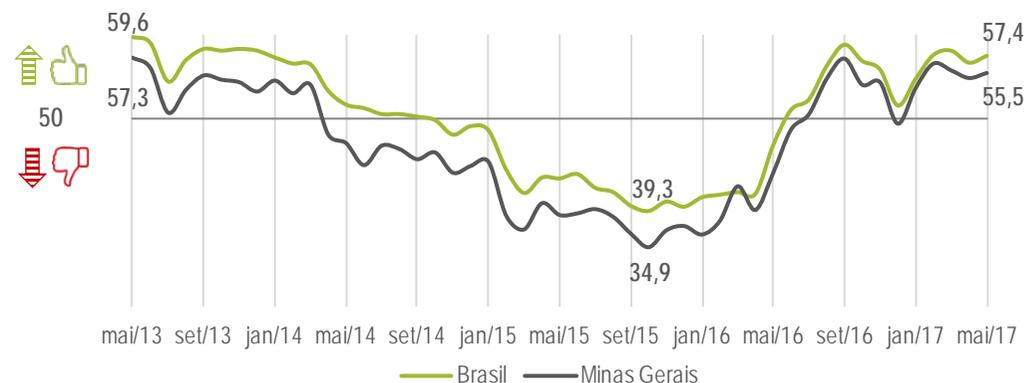
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

CONFIANÇA E EXPECTATIVAS

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI



EXPECTATIVAS PARA OS PRÓXIMOS 6 MESES



Minas Gerais		Total		
		mai/16	abr/17	mai/17
ICEI		38,0	51,2	52,0
Sondagem Industrial				
Expectativas	Demanda	46,3	55,9	54,7
	Quantidade Exportada	53,2	48,8	53,2
	Compra de Matérias-Primas	44,5	52,4	51,0
	Emprego	43,4	48,9	49,1
	Intenção de Investimento	41,8	48,1	45,5

Indicadores variam de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam otimismo.

Índice Nacional de Expectativa do Consumidor - INEC (Sem Ajuste) - CNI





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

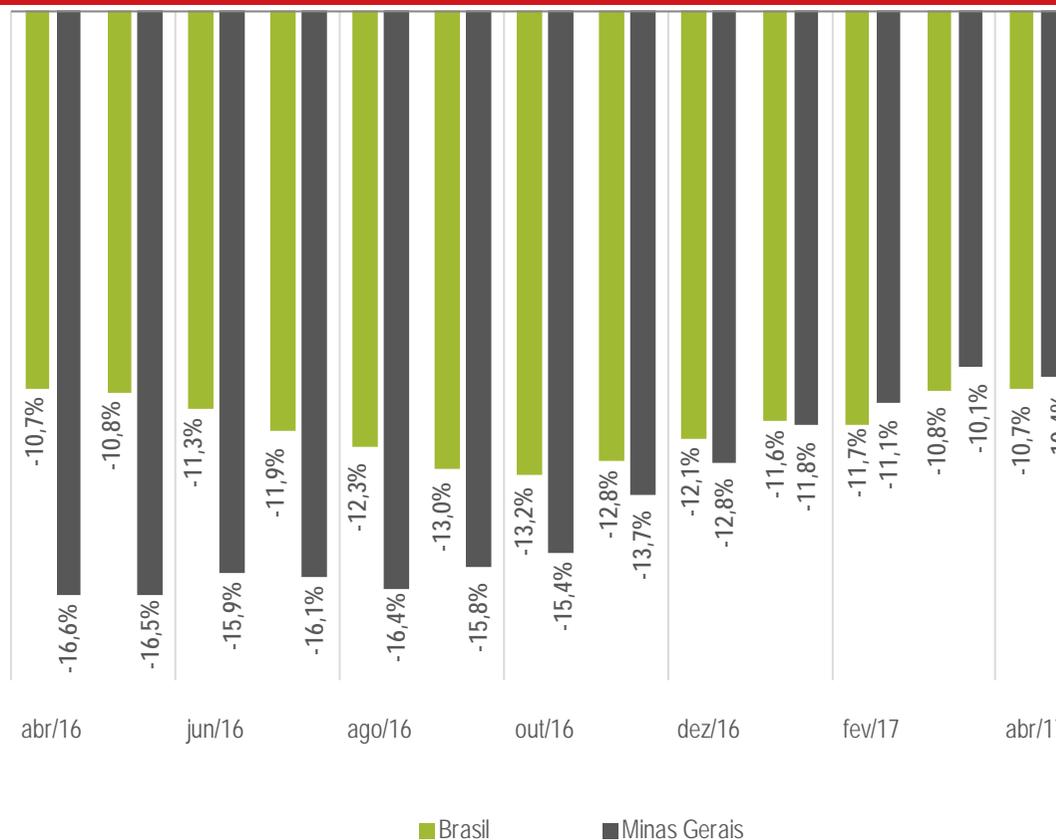
	BRASIL	MINAS GERAIS
ABR-17 / ABR-16	-9,9%	-9,8%
ACUMULADO NO ANO	-7,8%	-6,0%
ACUMULADO 12 MESES	-10,7%	-10,4%

FATURAMENTO REAL

O faturamento real da indústria de transformação brasileira apresentou retração de 9,9% em abril, na comparação com o mesmo mês do ano anterior. No acumulado dos primeiros quatro meses de 2017, a queda foi de 7,8% e, na análise dos 12 meses encerrados em abril, houve decréscimo de 10,7%. Vale destacar que, nessa última base de comparação, o indicador tem apresentado quedas menos intensas ao longo do ano.

Na indústria de transformação de Minas Gerais, o faturamento real apresentou retrações mais significativas do que as verificadas na pesquisa anterior. O desempenho negativo em todas as bases de comparação foi provocado pelo recuo nas vendas para os mercados nacional e internacional. Na comparação interanual, o indicador caiu 9,8%, alcançando a pior contração desde dezembro/16, após registrar moderação no ritmo de queda nas três últimas leituras. No primeiro quadrimestre do ano, houve redução de 6,0%, com destaque para o setor de produtos de metal, que apresentou a maior variação negativa (-37,9%). Na análise dos últimos 12 meses, o decréscimo foi de 10,4%, com o setor de veículos automotores registrando o maior recuo (-34,8%).

FATURAMENTO REAL DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (Var. % acumulada em 12 meses)





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

VOLUME DE SERVIÇOS

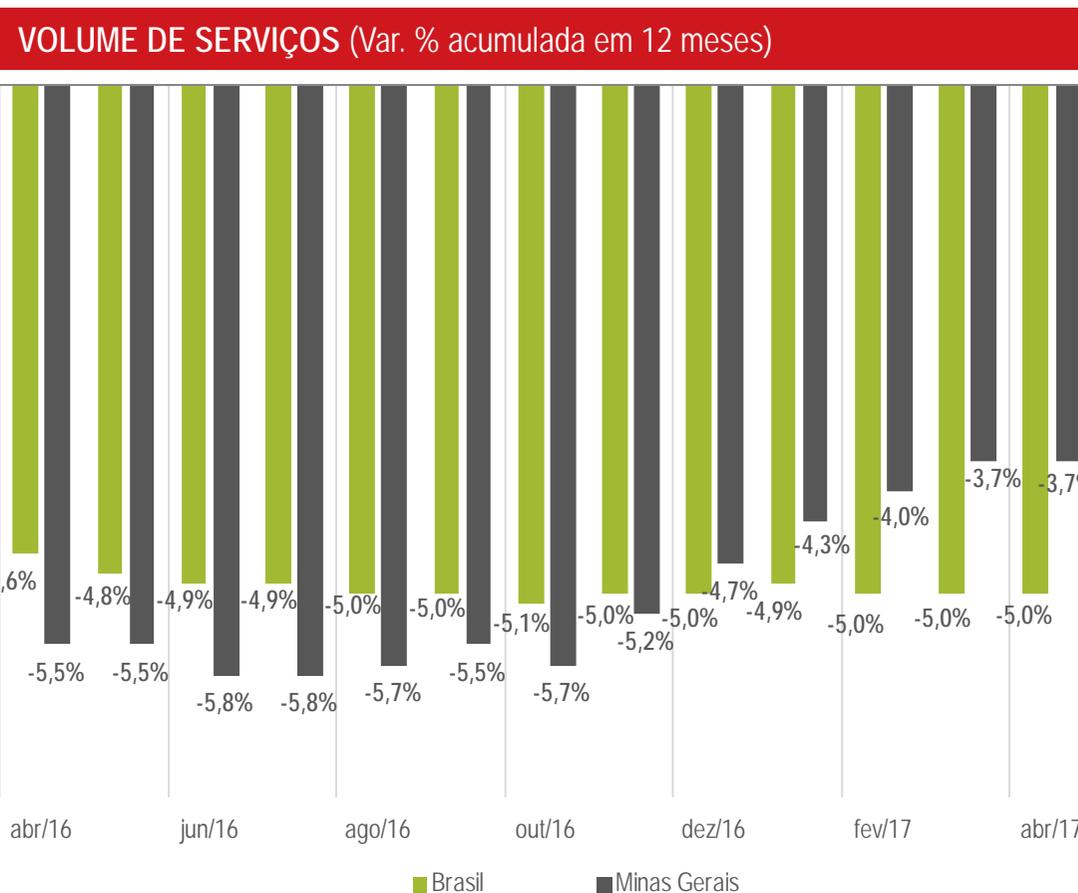
	BRASIL	MINAS GERAIS
ABR-17 / ABR-16	-5,6%	-6,2%
ACUMULADO NO ANO	-4,9%	-3,2%
ACUMULADO 12 MESES	-5,0%	-3,7%

SERVIÇOS

O volume de serviços prestados no Brasil cresceu 1,0% em abril frente a março, livre de efeitos sazonais. Essa foi a maior alta para esse mês desde 2013, suavizando os resultados ruins anteriores. No acumulado no ano até abril, o indicador registrou queda de 4,9% (frente ao mesmo período no ano anterior) e, em relação a abril de 2016, houve retração de 5,6%.

Em Minas Gerais, o setor de serviços recuou 0,6% na margem em abril, com ajuste à sazonalidade. O indicador acumulado, no primeiro quadrimestre do ano registrou queda de 3,2%, impactado pelas atividades de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-7,8%) e serviços de informação e comunicação (-6,5%), cujos pesos no índice são os maiores entre as atividades (respectivamente, 36,6% e 28,0%).

Por fim, a evolução (ao lado) das variações acumuladas em 12 meses sugere desaceleração na retração do setor de serviços em Minas Gerais, tido como o setor de maior inércia ao longo do ciclo econômico. Todavia, ainda não há indício de atenuação para o caso brasileiro. Adicionalmente, após superar o limiar dos 50 pontos em abril (pela primeira vez em 26 meses), o PMI² de serviços marcou 49,2 pontos em maio, retomando a expectativa de enfraquecimento no setor no Brasil.





CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA

ABRIL/17	BRASIL	MINAS GERAIS
TOTAL (ABR-17 / ABR-16)	1,9%	4,6%
TOTAL AMPLIADO (ABR-17 / ABR-16)	-0,4%	-1,0%
TOTAL (ACUMULADO NO ANO)	-1,6%	2,8%
TOTAL AMPLIADO (ACUMULADO NO ANO)	-1,8%	-1,4%

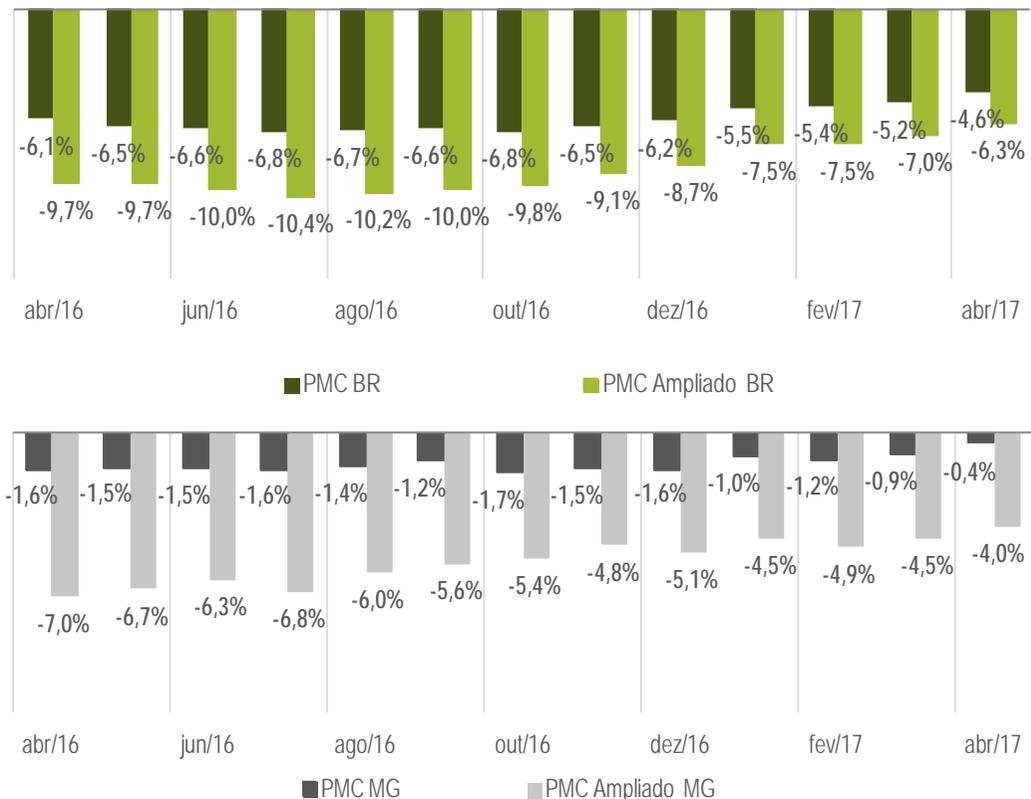
VENDAS NO VAREJO

A PMC¹ registrou alta de 1,0% no volume de vendas do varejo restrito e de 1,5% no volume do varejo ampliado³ para o Brasil, na passagem de março para abril (livre de efeitos sazonais), surpreendendo as expectativas do mercado. Entre as atividades pesquisadas destacam-se: equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (+10,2%); tecidos, vestuário e calçados (+3,5%); e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+0,9%). Em particular, influenciada pela Páscoa (neste ano, em abril) e pela inflação baixa dos alimentos, essa última atividade foi a principal responsável pela alta no mês, abrangendo 30,5% do comércio.

Frente a abril de 2016, o varejo restrito cresceu 1,9%, após 24 meses consecutivos de taxas negativas, enquanto o varejo ampliado³ caiu 0,4%. Essas variações são explicadas, por um lado, pelo crescimento das vendas de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+3,5%) e, por outro, pelos recuos das vendas de veículos, motos, partes e peças (-12,0%) e material de construção (-1,3%). Adicionalmente, a evolução (ao lado) das variações acumuladas em 12 meses sugere arrefecimento da retração sofrida pelo comércio (brasileiro e mineiro) ao longo da atual crise econômica.

Em Minas Gerais, o volume de vendas do varejo restrito caiu 1,3% em abril, na margem, ajustado à sazonalidade. Contra abril de 2016, cresceu 4,6%, enquanto o varejo ampliado apresentou queda de 1,0%. A diferença entre os mesmos foi devida à retração mais forte em Minas Gerais em veículos, motos, partes e peças (-34,0%) e material de construção (-5,0%).

VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA (Var. % acumulada em 12 meses)



Fonte: IBGE e LCA Consultores. | ¹PMC – Pesquisa Mensal de Comércio. | ²As atividades pesquisadas na PMC restrita são: “Combustíveis e lubrificantes”; “Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo”; “Tecidos, vestuário e calçados”; “Móveis e eletrodomésticos”; “Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria”; “Livros, jornais, revistas e papelaria”; “Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação”; e “Outros artigos de uso pessoal e doméstico”. | ³PMC Ampliada: inclui a PMC restrita e as atividades: “Veículos e motos, partes e peças”; e “Material de Construção”.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EMPREGO

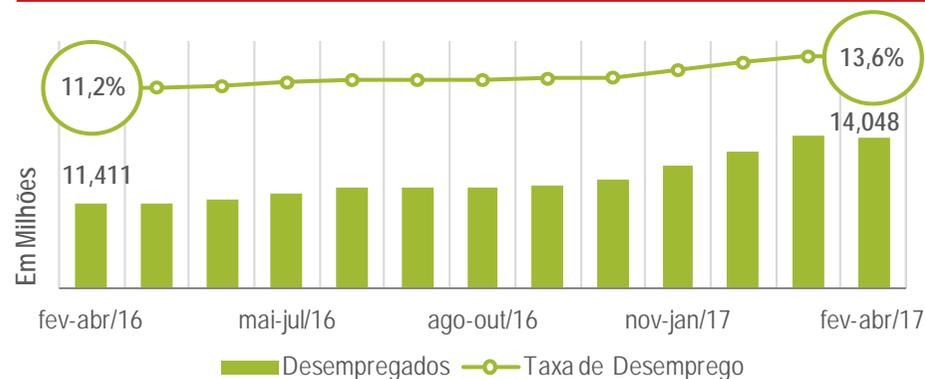
A PNADC¹ estimou a taxa de desemprego no Brasil em 13,6% da PEA* para o trimestre móvel de janeiro a abril de 2017. Com relação à taxa observada no trimestre de janeiro a março, houve queda de 0,1 p.p., a primeira desde novembro de 2014. Todavia, cabe frisar que o desemprego ainda alcança 14 milhões de brasileiros e que a retração no mercado de trabalho tem sido marcada pela redução no número de empregados com carteira assinada no setor privado, cujo nível no trimestre móvel finalizado em abril (33.286 mil) foi o menor já registrado pela pesquisa desde o seu início, em 2012.

Com relação ao mercado de trabalho formal, o saldo do CAGED² registrou abertura líquida de 59.856 postos de trabalho no Brasil em abril, o primeiro resultado positivo para o mês desde 2014. Em Minas Gerais, o saldo foi de +14.818 postos, segundo maior entre os estados brasileiros no mês. Com relação à indústria, Minas Gerais acumula número positivo de 11.652 empregos neste ano (até abril), nível superior ao saldo acumulado pela indústria brasileira (+10.259).

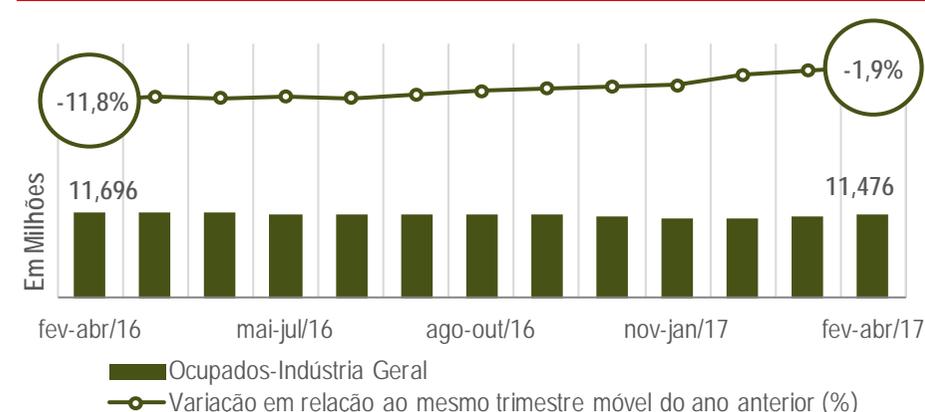
A taxa de desemprego em Minas Gerais foi estimada em 13,7% da PEA no primeiro trimestre de 2017, mesma taxa observada para o Brasil nesse período. Apesar da redução do número de pessoas ocupadas na indústria geral brasileira, em Minas Gerais houve crescimento de 0,4% em relação ao trimestre anterior e 1,8% frente ao primeiro trimestre de 2016.

Quanto às expectativas para o mercado de trabalho brasileiro, não obstante a queda no ICD³ de 0,1 ponto, para 97,3 pontos em maio, o IAEmp⁴ caiu 1,2 ponto, marcando 99,3 pontos. O pequeno recuo do ICD reforça as sucessivas quedas anteriores, fortalecendo a perspectiva de redução na taxa de desemprego. Todavia, a queda no IAEmp em maio indica aumento na incerteza quanto à melhora no mercado de trabalho.

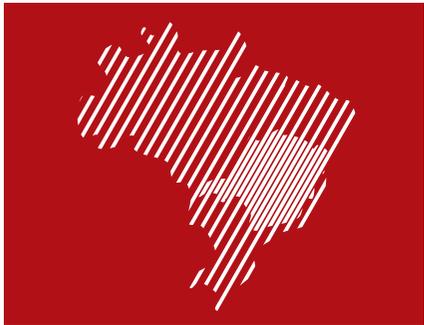
DESEMPREGO TOTAL – BRASIL¹



OCUPAÇÃO NA INDÚSTRIA GERAL – BRASIL¹



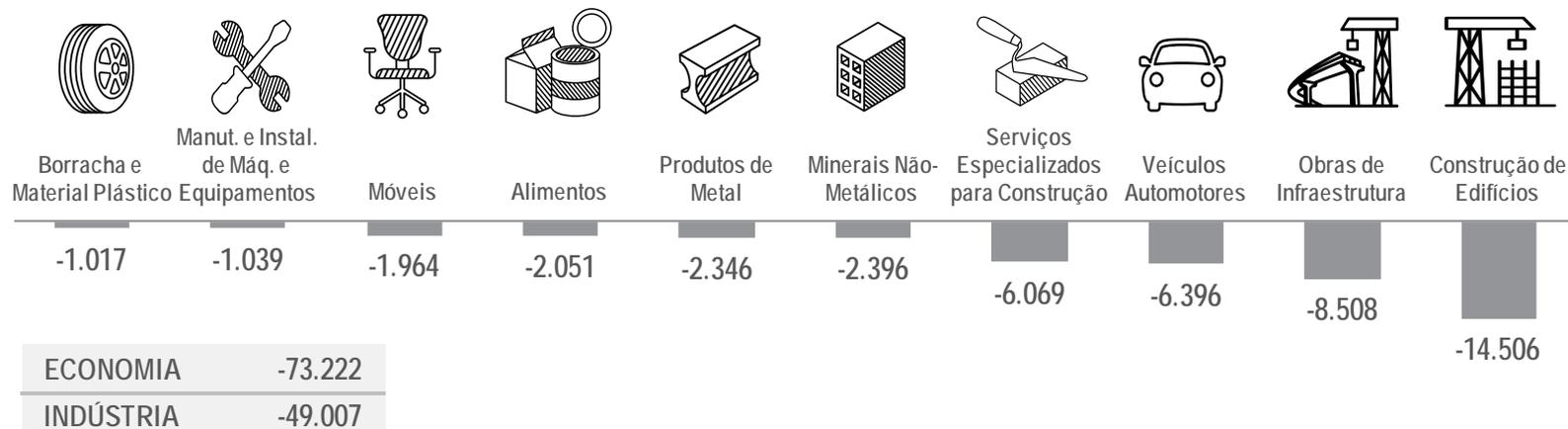
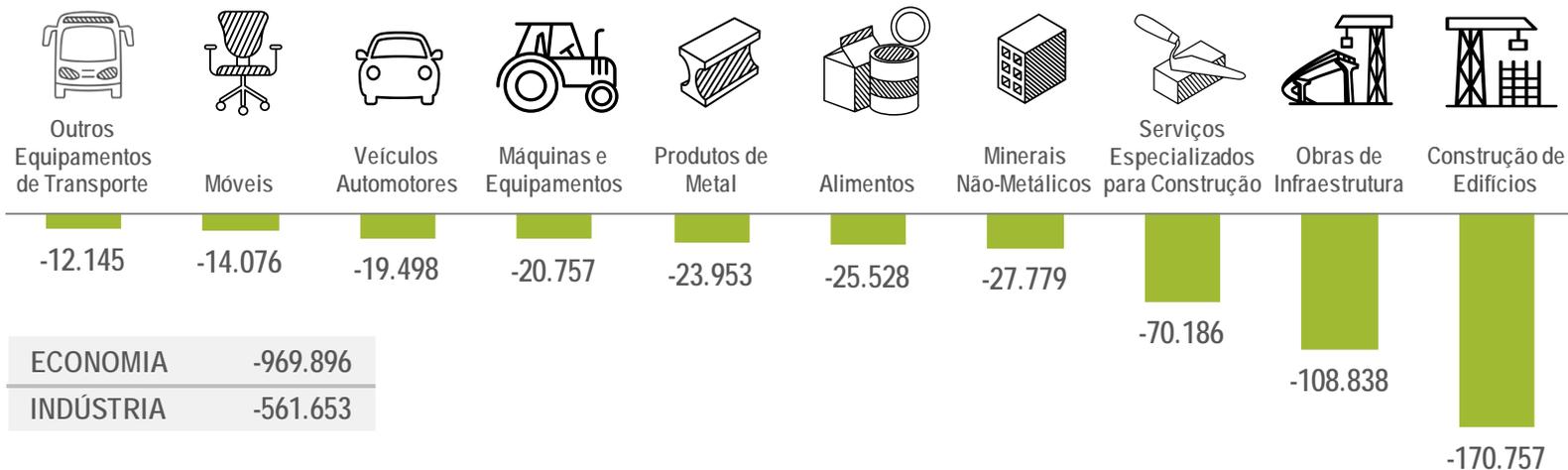
Fonte: IBGE, MTSP, FGV. | ¹ PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Estimativas de trimestres móveis). ² Caged – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho. ³ ICD - Índice Coincidente de Desemprego. ⁴ IAEmp - Indicador Antecedente de Emprego. *PEA – População Economicamente Ativa.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

SALDO DE EMPREGO

DESTAQUES SETORIAIS NEGATIVOS
(SALDO ACUMULADO EM 12 MESES)*



Fonte: MTPS. | *Até Abril/17, dados com ajuste.



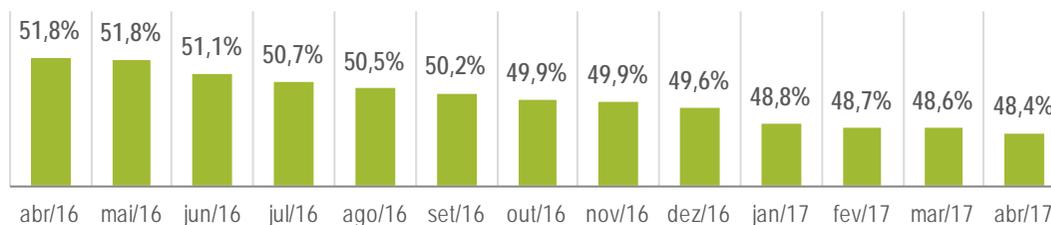
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

CRÉDITO E CONCESSÕES . BRASIL

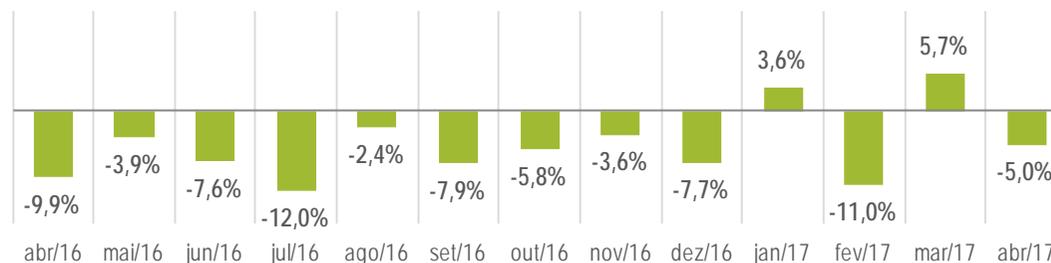
Em abril, a relação crédito como proporção do PIB recuou 0,2 ponto percentual (p.p.), para 48,4%, persistindo em tendência declinante desde janeiro/16. Na comparação com o quarto mês do ano passado, a queda foi de 3,4 p.p.. A evolução negativa nas duas bases de comparação vem sendo suavizada progressivamente, sugerindo que as informações conhecidas até o mês passado eram consistentes com a estabilização gradual no mercado de crédito, ainda que as novas concessões para pessoa física (PF) tenham apresentado oscilações nos últimos meses, enquanto para pessoa jurídica (PJ) a tendência de retração nas concessões tenha registrado ímpeto renovado em março e abril.

As novas concessões com recursos livres recuaram 5,0% na comparação com abril/16, após expansão de 5,7% em março, na mesma base de comparação. Novas concessões com recursos direcionados exibiram retração tanto em março (- 14,3%) quanto em abril (- 8,8%), após dois meses em que a variação negativa ficou na casa dos 3%. Esses resultados foram impactados pela liquidação de operações com o BNDES, com redução de 8,4% em novos financiamentos para investimentos concedidos pela instituição para PJ. Os números refletem a reduzida demanda de crédito, característica do final de períodos recessivos, quando muitas empresas mantêm estratégias de redução do endividamento. No contexto atual, essa opção é justificada pela ociosidade acima da média, que permitiria atender eventuais expansões de demanda sem que se dependa de investimentos em capacidade produtiva adicional, e pelo elevado grau de incerteza envolvendo o cenário político para os próximos meses.

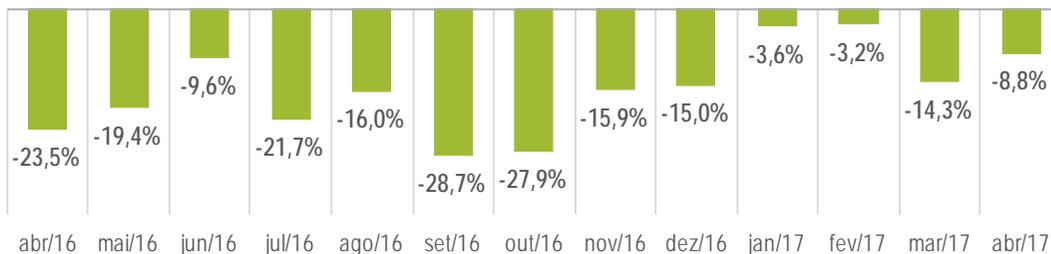
CRÉDITO (% do PIB)



CONCESSÕES - RECURSOS LIVRES (T/T-12)



CONCESSÕES - RECURSOS DIRECIONADOS (T/T-12)





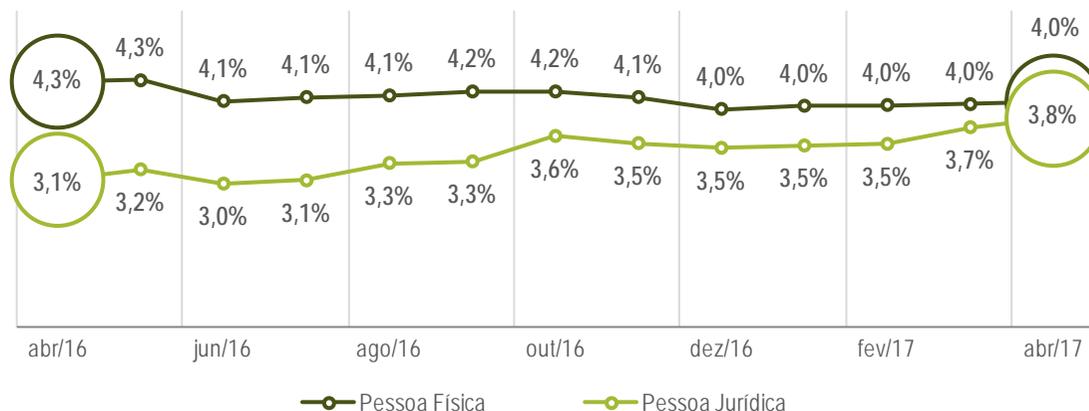
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

INADIMPLÊNCIA E SPREAD. BRASIL

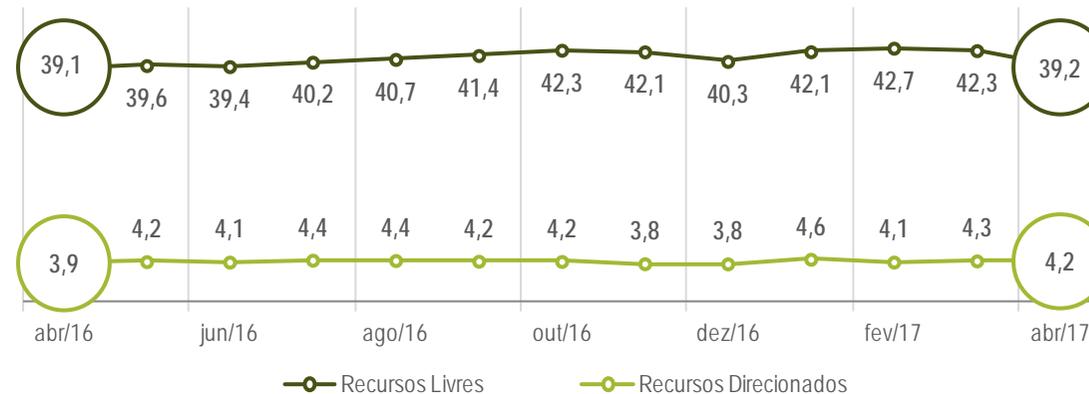
A taxa média de juros das operações de crédito do sistema financeiro, consideradas as contratações com recursos livres e direcionados, recuou 1,9 ponto percentual (p.p.), em abril, para 30,2% a.a.. Esse resultado decorre da importante redução de 3,4 p.p. nos juros das operações com recursos livres (para 49,1% a.a.). Nas operações de crédito direcionado, a queda no juro médio foi de 0,6 p.p. (para 9,9% a.a.). O *spread* bancário médio também exibiu significativo estreitamento de 1,5 p.p. no mês, com queda de 3,2 p.p. nas modalidades de crédito livre (para 39,1 p.p.), influenciado pela redução na taxa do rotativo de cartões. No crédito direcionado, o recuo do *spread* foi de apenas 0,1 p.p., para 4,2 p.p.. Em 12 meses, o *spread* médio reverteu a alta de 2,2 p.p., registrada em março, ficando 0,2 p.p. abaixo do *spread* registrado em abril/16.

A queda pronunciada dos *spreads* bancários em abril sinalizava ajuste gradual das condições do mercado de crédito à tendência declinante da taxa Selic, o que pode ser interpretado como uma reversão da cautela excessiva das instituições financeiras observada em meses anteriores. A estabilidade da taxa de inadimplência no mês, apesar do leve aumento de 0,1 p.p., para PJ, está em linha com esse comportamento menos cauteloso do mercado. Vale notar que, no crédito livre, as taxas de inadimplência para PF e PJ mantiveram-se constantes em 5,9% e 5,6%, respectivamente. Contudo, o agravamento da crise política no país e o aumento da incerteza podem promover o recrudescimento das condições apertadas no mercado de crédito nos meses à frente.

TAXA DE INADIMPLÊNCIA (%)



SPREAD BANCÁRIO (pontos percentuais)



Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN.



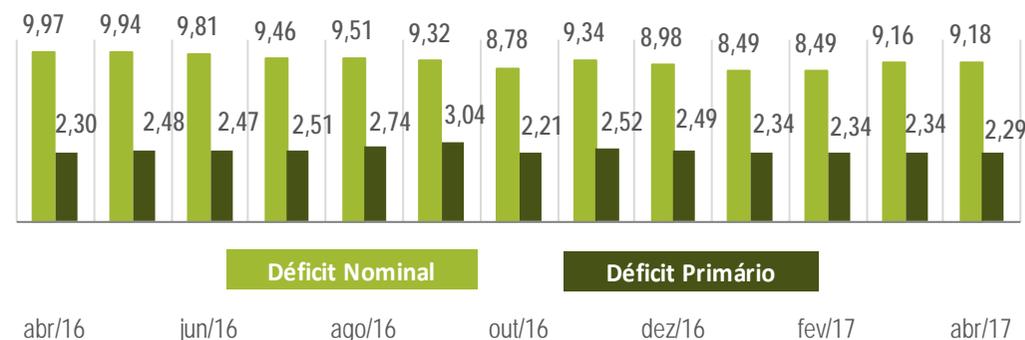
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

FINANÇAS PÚBLICAS . BRASIL

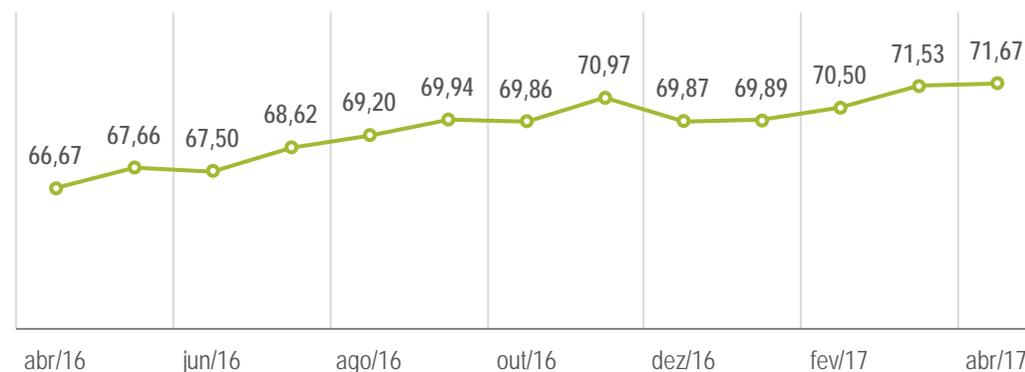
O setor público consolidado registrou superávit primário de R\$12,9 bilhões em abril, puxado pelo Governo Geral¹ que, sozinho, foi responsável pelo saldo de R\$11,5 bilhões no mês. Com isso, o resultado primário acumulado em 2017 avançou para R\$15,1 bilhões. Em abril/16, o setor público também registrou superávit primário de R\$ 10,2 bilhões. A melhora no resultado primário, na comparação com o mesmo mês do ano passado, decorre de aumento real da ordem de 29% em receitas não administradas pela Receita Federal (recebimento de cota parte de compensações financeiras, que são receitas provenientes de contribuições econômicas de recursos resultantes da exploração de petróleo bruto, xisto betuminoso e gás, de recursos hídricos e de recursos minerais). Por outro lado, receitas líquidas da seguridade social e receitas tributárias recuaram em termos reais (- 1,7% e - 2,0%, respectivamente). Ao mesmo tempo, os principais componentes da despesa exibiram crescimento real na comparação anual, com destaque para avanços de 6,4% em benefícios previdenciários, 7,7% com encargos e salários e de 5,6% em benefícios assistenciais, números que reforçam a trajetória de deterioração estrutural das finanças públicas.

Com pagamentos de juros nominais de R\$ 28,3 bilhões em abril/17, o déficit nominal foi de R\$ 15,4 bilhões no mês. Em 2017, as contas públicas acumulam resultado deficitário de R\$ 123,7 bilhões. Em 12 meses, o déficit nominal totaliza R\$ 582,2 bilhões (9,18% do PIB). Como resultado, a dívida bruta do governo geral (DBGG), que inclui o governo federal, o INSS, governos estaduais e governos municipais, avançou 0,14 p.p. do PIB, em abril, para 71,67%.

NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (%PIB)



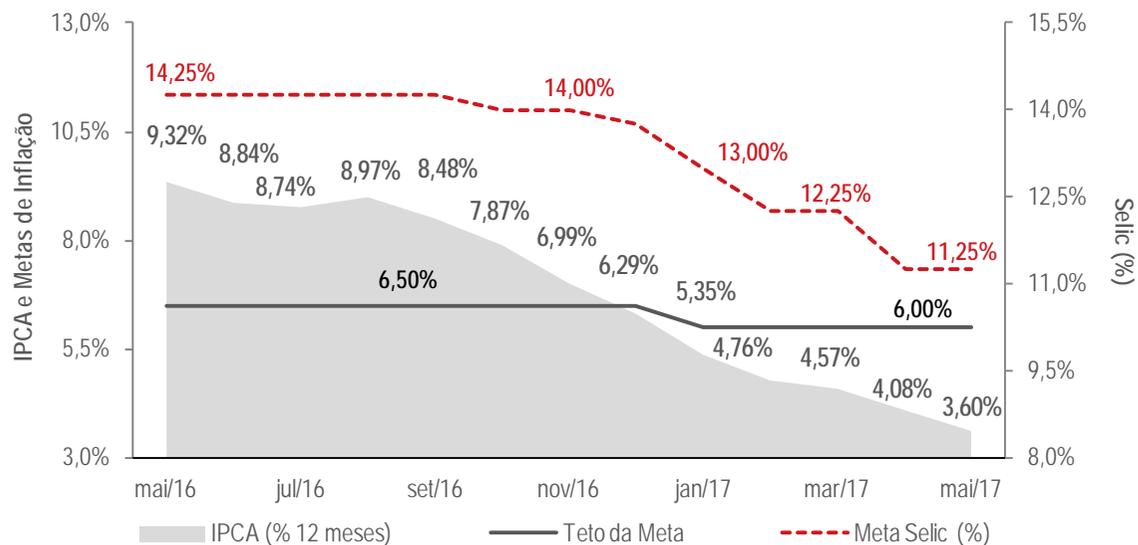
DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL (%PIB)



Fonte: Banco Central do Brasil – BACEN. ¹ Governo Geral: Governo Federal, INSS, Governos Estaduais e Governos Municipais.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS



Destaques IPCA (12 meses)

GRUPOS DO IPCA (% 12 meses)	ABR/17	MAI/17
Educação	8,12%	8,03%
Saúde e Cuidados Pessoais	8,91%	7,84%
Despesas Pessoais	6,50%	5,32%
Habitação	3,72%	4,08%
Vestuário	2,29%	2,36%
Alimentação e Bebidas	3,51%	2,35%
Comunicação	1,81%	1,89%
Transporte	1,68%	1,85%
Artigos de Residência	0,45%	-0,40%

INFLAÇÃO E JUROS . BRASIL

O IPCA variou 0,31% em maio, levando a inflação acumulada em 12 meses para 3,60% (4,08% em abril), abaixo do centro do intervalo do sistema de metas para inflação (4,50%). A contínua deflação nos preços de produtos agropecuários no atacado reforça a perspectiva de que ocorra deflação do IPCA em junho, reduzindo ainda mais a inflação em 12 meses, que pode girar abaixo dos 3,00% em meados do ano, antes de retornar ao patamar atual. A pesquisa Focus* indica variação esperada de 3,64% para o IPCA em 2017. Em abril, a estimativa estava em 4,01%. Para 2018, a mediana das estimativas do mercado para variação do IPCA situa-se, atualmente, em torno de 4,33%, abaixo, portanto, do centro do intervalo para a meta de inflação.

O COPOM vem reagindo à dinâmica declinante da inflação do IPCA e à ancoragem de expectativas para os próximos anos com a manutenção do ciclo de cortes na taxa Selic. Na reunião de maio, o Comitê reduziu a taxa básica de juro em 1,00 p.p., para 10,25% a.a.. Não fosse o aumento da incerteza relacionada ao cenário político, seria provável uma intensificação no ritmo de corte na taxa básica de juros. Atualmente, o relatório Focus aponta para taxa Selic a 8,50% ao final de 2017 e de 2018. Essa projeção segue inalterada há mais de dois meses. O ciclo de redução da Selic, tal como vem sendo sinalizado pelo Bacen e estimado pelo mercado, tornou-se indispensável para o esperado processo de lenta e gradual recuperação do consumo e do investimento. Vale destacar que as estimativas para expansão do PIB brasileiro em 2017 vêm sendo revistas, aumentando a probabilidade (não desprezível) de novo recuo da atividade nesse ano. Nossa projeção aponta para variação do PIB brasileiro de 0,41%, em 2017, e de 2,50% no ano seguinte. Também projetamos expansão de 0,7% no PIB de Minas Gerais em 2017.



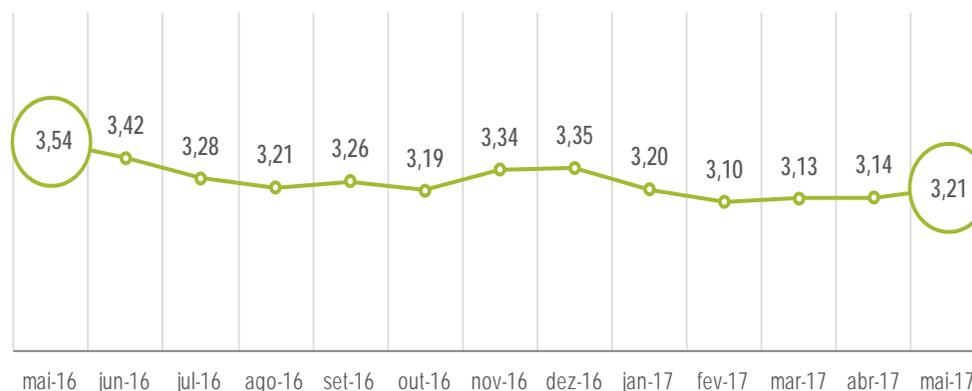
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

CÂMBIO . BRASIL

A cotação média mensal do dólar americano voltou a apresentar valorização frente ao real, respondendo ao aumento de incerteza envolvendo o ambiente político doméstico. Em maio, o preço médio da moeda americana foi de R\$3,21, contra cotação de 3,14 R\$/US\$ no mês anterior. O cenário político volátil foi determinante para a correção das estimativas de taxa de câmbio. De acordo com o relatório Focus, o mercado espera taxa de câmbio a 3,30 R\$/US\$ ao final de 2017 (no mês passado, essa taxa era de 3,23 R\$/US\$) e de 3,40 R\$/US\$ no ano seguinte. Essas projeções são compatíveis com taxas médias anuais de 3,24 R\$/US\$, em 2017, e de 3,38 R\$/US\$ no ano seguinte.

Vale destacar que o mercado cambial reagiu de forma contida à turbulência política, o que pode ser interpretado como confiança na manutenção da equipe econômica e na continuidade da agenda de reformas estruturais. No *front* externo, a conjuntura exibe menor volatilidade após a eleição de Emmanuel Macron para presidente francês, o que eliminou a perspectiva de retração acelerada do processo de globalização, a despeito das dúvidas quanto aos impactos político-econômicos da agenda do presidente Donald Trump. Dessa forma, a volatilidade da moeda brasileira, nos próximos meses, dependerá dos desdobramentos políticos internos.

TAXA MÉDIA MENSAL DE CÂMBIO (R\$/US\$)



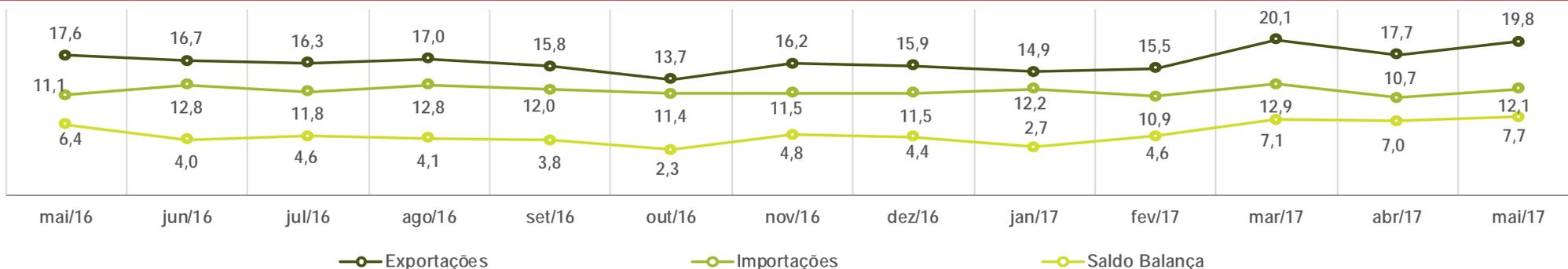


CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

BALANÇA COMERCIAL – US\$ BILHÕES

BRASIL	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
MAI-17	19,8	12,1	7,7
MAI-16	17,6	11,1	6,4
ACUMULADO 2017*	87,9	58,9	29,0
ACUMULADO 2016*	73,5	53,8	19,7

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (US\$ bilhões)



SETOR EXTERNO - BALANÇA COMERCIAL. BRASIL

Em maio, o Brasil teve o maior superávit comercial mensal da história, (R\$ 7,7 bilhões), valor 19,1% superior ao mesmo período de 2016. Ao contrário do ano passado, quando as importações e exportações tinham caído, ambas cresceram (12,5% e 9,0%, respectivamente) em maio de 2017.

O superávit foi obtido em função das exportações de *commodities*, grãos (21,1%), petróleo (24,8%) e minério de ferro (17,9%) explicando 65,0% do diferencial do valor exportado em relação ao ano anterior. O efeito “preço” das *commodities* (+32,1% para o petróleo e +22,5% para o minério de ferro) explica em grande parte a forte variação das vendas externas em relação a maio de 2016. No entanto, enquanto o preço do minério estava em uma dinâmica crescente no mesmo período do ano passado (forte aumento da demanda chinesa e, conseqüentemente, dos preços), a tendência atual é de queda ao longo do ano.

Grãos e petróleo também registraram aumentos nas quantidades exportadas (21,1% e 24,8%, respectivamente). Esse fenômeno foi consequência da forte demanda por produtos brasileiros após uma safra recorde em um contexto de preços aquecidos.

Nos produtos manufaturados, veículos de carga (5%) e automóveis de passageiros (1,8%) também apresentaram altas de preços que tiveram efeito positivo no valor das exportações.

O destaque nas importações foi a queda na aquisição de bens de capital (-19,4% nos primeiros 5 meses do ano em relação ao mesmo período de 2016), devido ao baixo investimento das empresas brasileiras em razão da elevada capacidade ociosa. Por outro lado, a importação de bens intermediários cresceu 13,0% no período, refletindo o leve reaquecimento da economia brasileira.

Fonte: MDIC. | *Acumulado até dezembro de cada ano.



CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

EXPORTAÇÕES (US\$ bilhões)

MINAS GERAIS	BÁSICOS	SEMIMANUFATURADOS	MANUFATURADOS	TOTAL
Mai-17 (US\$ bi)	1,5	0,5	0,4	2,5
Mai-17/Mai-16	21,6%	15,0%	21,3%	20,2%
Acumulado 2017 (US\$ bi)	7,0	2,2	1,9	11,1
Acum. 2017/Acum. 2016	52,9%	13,5%	11,3%	34,8%

SETOR EXTERNO - EXPORTAÇÕES. MINAS GERAIS

No mês de maio, as exportações mineiras somaram US\$ 2,5 bilhões, superando em 20,2% o valor de maio/16.

Nesse período, as variações nos preços de minério de ferro (+22,3%), e, em menor grau, do café (+14,8%) e do açúcar (+31,6%) – setores que representam 60,0% das exportações mineiras do mês - foram as principais responsáveis pelo resultado..

No entanto, os preços do minério registraram um recuo de 28,1% em relação ao mês anterior, após ter registrado o pico histórico em fev/17. Nos três últimos meses, a redução foi superior à 40%, tendência que tende a se manter, dada a queda constante dos preços futuros na bolsa asiática. Há uma elevada oferta da commodity, combinada com a perspectiva baixista

da demanda chinesa (apesar do volume recorde exportado por Minas Gerais esse mês).

A safra recorde desse ano permitiu ao Brasil acompanhar o aumento da demanda global por grãos de soja (consumo em crescimento constante desde 2012). Assim, a variação das quantidades exportadas explica o desempenho das exportações da commodity (+12,3%) na pauta exportadora mineira. No entanto, já houve o pico sazonal de produção, e a participação das exportações de soja na geração de valor cairá drasticamente no segundo semestre.

Também destacamos esse mês o aumento das exportações do setor automotivo, que registrou uma alta de 69,3% em relação a maio/16 (+28,8% MoM), estimulada pelas vendas à Argentina (+86,7% YoY).



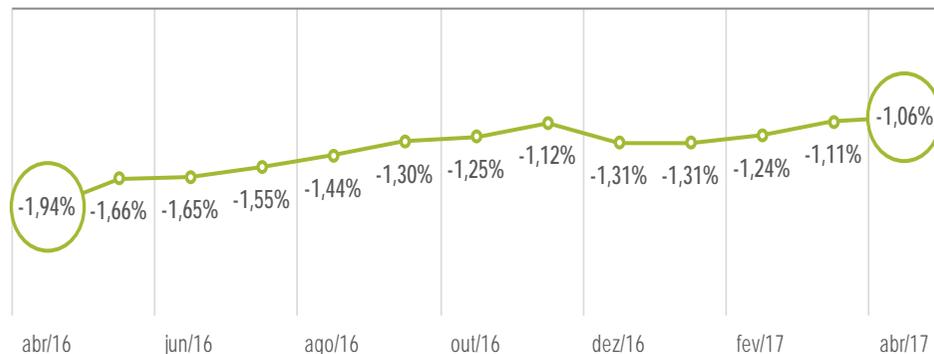
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

TRANSAÇÕES CORRENTES E INVESTIMENTO DIRETO. BRASIL

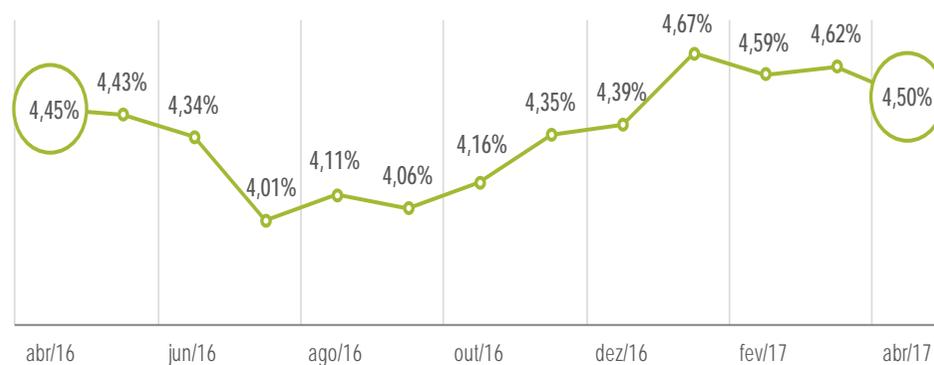
Em abril/17, o saldo de transações correntes registrou o segundo superávit mensal consecutivo, de US\$1,15 bilhão, contra US\$1,4 bilhão em março/17. Com isso, o resultado acumulado em doze meses recuou para um déficit de US\$ 19,8 bilhões, o equivalente a 1,06% do PIB. Novamente, a conta comercial foi a principal responsável pelo resultado positivo do saldo de transações correntes, com superávit de US\$6,7 bilhões, o maior para o mês na série histórica iniciada em 1995. A conta de serviços, por outro lado, registrou saída líquida de US\$2,5 bilhões, que se somou ao saldo negativo de US\$3,2 bilhões da conta de renda primária. Na conta financeira, os ingressos líquidos de investimentos diretos no país (IDP) somaram US\$5,6 bilhões. Vale destacar que essa rubrica registrou saída líquida de US\$1,4 bilhão em operações intercompanhia, compensado pela entrada líquida de US\$6,9 bilhões referentes a participação no capital. Em 12 meses, o saldo do IDP líquido chegou a US\$84,7 bilhões (4,5% do PIB), mantendo em patamar negativo a necessidade de financiamento externo (NFE), definida como a diferença entre o IDP e o déficit em transações correntes (-3,44% do PIB nos 12 meses encerrados em abril/17). O IDP tem superado o déficit em transações correntes desde novembro de 2015.

O resultado positivo da balança comercial em 2017 tem motivado revisões das previsões quanto ao comportamento das transações correntes ao longo do ano. No final do ano passado, o mercado apostava na deterioração do déficit em transações correntes como resultado de expansão nas importações em linha com a retomada da atividade econômica. O avanço no saldo da balança comercial nos primeiros quatro meses do ano e as incertezas relacionadas à recuperação da economia brasileira reduzem a probabilidade de reversão da trajetória de ajuste nas contas externas.

TRANSAÇÕES CORRENTES (% PIB)



INVESTIMENTO DIRETO (% PIB)



Fonte: Banco Central do Brasil. | *<http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/readout.asp>



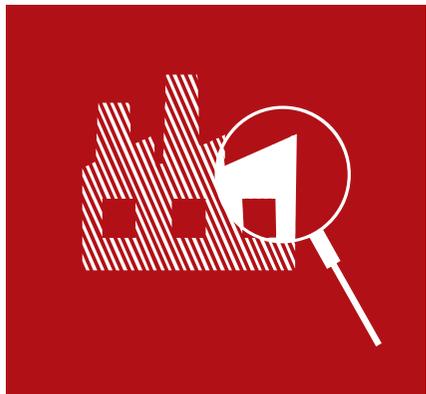
CENÁRIO BRASIL E MINAS GERAIS

PROJEÇÕES

BRASIL	2017	2018
PIB (%)	0,40	2,20
Produção Industrial (%)	0,60	2,50
Comércio varejista - volume (%)*	0,49	3,20
Comércio varejista - faturamento (%)*	1,30	6,43
Massa real de rendimentos total (%)*	1,52	2,02
IPCA (%)	3,64	4,33
IGP-M (%)	1,06	4,50
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	3,30	3,40
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,24	3,38
Meta Taxa Selic - fim de período (%a.a.)	8,50	8,50
Meta Taxa Selic - média do período (%a.a.)	10,28	8,50
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	51,50	55,17
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-23,50	-35,50
Balança Comercial (US\$ bilhões)	57,40	45,00
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	78,57	78,75

MINAS GERAIS	2017
PIB (%)	0,76
Produção Industrial (%)	1,90
Comércio restrito (%)	1,58
Massa Salarial Real - RMBH (%)	0,38
Faturamento (%)	0,96





CENÁRIO SETORIAL AUTOMOTIVO

PRODUÇÃO FÍSICA ABRIL/17 ¹	BRASIL	1,2%	
	MINAS GERAIS	-10,5%	
FATURAMENTO ABRIL/17 ¹	BRASIL	-14,5%	
	MINAS GERAIS	-19,0%	
EXPORTAÇÕES MAIO/17 ¹		QUANTIDADE	VALOR (US\$)
	BRASIL	14,0%	38,4%
	MINAS GERAIS	4,7%	38,6%

DESTAQUES

Em abril, a produção de veículos caiu 10,5% em Minas Gerais, contra o mesmo mês do ano anterior. A produção nacional cresceu 1,2% na mesma base de comparação, sendo essa a sexta elevação consecutiva. Vale destacar que, em abril de 2016, houve recuo de 21,1% frente ao mesmo mês de 2015.

Foram vendidos 156,8 mil veículos no Brasil em abril, representando uma retração de 3,7% em relação ao mesmo mês do 2016 (162,9 mil unidades). A retomada do setor depende, entre outras coisas, da volta da confiança, tanto dos consumidores quanto dos empresários. Na contramão desse processo, escândalos políticos revelados em maio e as incertezas em relação à situação econômica do país podem contribuir para a postergação dos investimentos e da compra de bens de maior valor.

No quarto mês de 2017, houve destruição de postos de trabalho no setor, tanto no país (-206), quanto no estado (-96). No acumulado dos últimos 12 meses, o setor também amarga resultados negativos: Brasil (-19.498) e Minas Gerais (-6.396).



PROJEÇÕES*

Com projeções de aumentos na produção de 12,4% e nas exportações de 12,1% em 2017, o mercado externo continua sendo o motor da retomada setorial, destacando-se os mercados potenciais da Argentina, do México, do Chile, da Colômbia, do Uruguai e do Peru.

Reconhecendo as fragilidades do setor e a necessidade de torná-lo mais competitivo, os representantes de 14 montadoras se reuniram em um encontro inédito com o presidente Michel Temer e alguns ministros, no final de abril, para apresentar o plano “Agenda Automotiva Brasil”. O documento subsidiará o governo na elaboração da nova política industrial de longo prazo do setor, o programa Rota 2030, que focará no aumento da competitividade e na modernização do segmento, tendo em vista o novo perfil do consumidor mundial, que valoriza inovações tecnológicas, conectividade, segurança veicular e eficiência energética.

Os empresários apontam que o direcionamento voltado ao desenvolvimento sustentável de longo prazo proporcionará mais previsibilidade para seus investimentos, possibilitando maior integração da cadeia produtiva, bem como a recuperação e/ou ampliação da base de fornecedores, principalmente do segmento de autopeças. Adicionalmente, o enfoque da “nova indústria automotiva” na conectividade também é pertinente para a integração de novos mercados à cadeia produtiva



CENÁRIO SETORIAL

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS*

	BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA ABR/17 ¹	-3,2%	-9,5%
FATURAMENTO ABR/17 ¹	-5,8%	-19,1%
EXPORTAÇÕES MAI/17 ¹	5,1%	13,0%

DESTAQUES

Em abril de 2017, a produção nacional do setor de máquinas e equipamentos mostrou alta de 4,9% em relação ao mês anterior, considerando os dados dessazonalizados. A produção de máquinas para colheita e tratores agrícolas tem sido um dos principais segmentos a contribuir positivamente para o resultado. No comparativo com o mesmo mês do ano anterior, a produção do setor registrou queda de 3,2%. Nos quatro primeiros meses de 2017, cresceu 0,8%, e no acumulado dos últimos 12 meses retraiu 4,3%, enquanto a indústria de transformação acumulou quedas de 1,8% nos quatro primeiros meses do ano e 3,7% nos últimos 12 meses.

A produção mineira do setor, que havia crescido em março, recuou 9,5% em abril frente ao mesmo mês de 2016, sendo essa a segunda maior retração na indústria de transformação, atrás apenas do setor de veículos (-10,5%). Por outro lado, no primeiro quadrimestre do ano, a produção de máquinas e equipamentos se destacou, apresentado alta de 10,6%, dadas as contribuições dos segmentos de produção de escavadeiras; equipamentos de terraplanagem; máquinas e equipamentos para selecionar, peneirar e lavar substâncias minerais sólidas; carregadoras-transportadoras e peças para tratores agrícolas. No acumulado dos últimos 12 meses a atividade continuou em contração (-4,0%).

O faturamento foi negativo em abril, tanto no Brasil, quanto em Minas Gerais. Em âmbito nacional, reverteu-se o quadro que vinha sendo positivo. No primeiro quadrimestre de 2017, houve queda na variável de 3,8% no país e de 23,3% no estado, comparativamente ao mesmo período do ano anterior. No acumulado dos últimos 12 meses, o indicador recuou 6,4% no Brasil e 24,9% em Minas Gerais.

No acumulado do ano até maio, as exportações brasileiras de máquinas e equipamentos somaram US\$ 3,47 bilhões no país, valor 3,7% superior aos primeiros cinco meses de 2016. No estado, as vendas externas no mesmo período totalizaram US\$ 100,18 milhões, representando alta de 22,1%. No acumulado dos últimos 12 meses, houve queda de 2,2% no Brasil e aumento de 1,9% em Minas Gerais.



PROJEÇÕES²

A projeção para a produção de bens de capital, em 2017, foi revisada de 4,1% para 2,4%. Para o consumo aparente, foi revista de 3,7% para 1,8%.

O índice de preços de M&E (IPA) sugere alta de 4,0% neste ano.

Projeta-se queda de 2,2% no valor das exportações e de 16,7% no valor das importações.

Fonte: IBGE, FIEMG, CNI, MDIC e Tendências Consultoria. | ¹Variação percentual em relação ao mesmo mês do ano anterior. | ²Tendências Consultoria.

*Máquinas e Equipamentos representam, aproximadamente, 54% do setor de Bens de Capital.



CENÁRIO SETORIAL CONSTRUÇÃO CIVIL

	BRASIL	MINAS GERAIS
NÍVEL DE ATIVIDADE (Sondagem Construção) ABR/17 ¹	43,3 pontos	47,7 pontos
PRODUÇÃO FÍSICA DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) ABR/17 ²	-12,4%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M ² (INCC-SINAPI)	VARIACÃO	
MAI/17 ²	VALOR	
	R\$ 1.042,69	R\$ 992,96

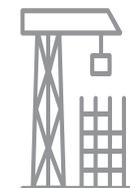
DESTAQUES

Em abril de 2017, os índices de atividade da Sondagem da Construção continuaram abaixo da linha dos 50 pontos, assinalando queda da atividade do setor. Os indicadores, no entanto, acumularam aumentos de 14,5 pontos em Minas Gerais e de 5,4 pontos no Brasil no primeiro quadrimestre do ano, sinalizando redução menos intensa da atividade.

De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), no primeiro quadrimestre de 2017, a geração líquida de empregos foi de 1.638 vagas. No Brasil, houve destruição de 24.970 vagas. Contudo, no mesmo período de 2016, a destruição líquida de empregos foi de 60.940 postos, indicando uma moderação no ritmo de deterioração do emprego no setor.

A desaceleração no recuo da atividade da construção civil foi ainda corroborada pela produção de insumos típicos do segmento, que, embora tenha apresentado o 38º recuo sucessivo em abril (na comparação interanual), vem registrando retrações cada vez menores no acumulado dos últimos 12 meses.

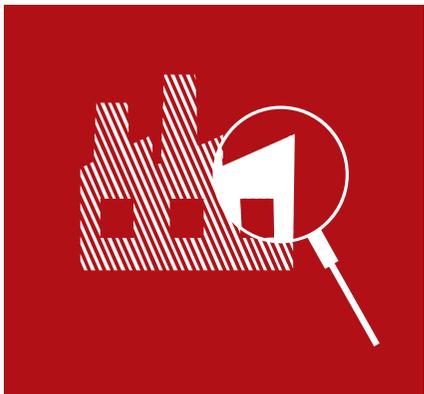
Nos primeiros cinco meses do ano, o custo da construção por metro quadrado aumentou 3,6% no estado e 1,5% no país. O resultado foi justificado especialmente pelo acréscimo nos custos com mão de obra, tanto em Minas Gerais quanto no Brasil (de 7,1% e 2,1%, respectivamente).



PROJEÇÕES³

Para 2017, a estimativa referente à produção nacional de insumos da construção civil foi revisada para baixo (de -1,1% para -2,0%), dado o aumento da incerteza no ambiente político. Os novos escândalos devem abalar a capacidade de retomada da confiança dos agentes econômicos, impactando sobremaneira setores ligados ao consumo de bens de maior valor, mais dependentes da renda e do crédito.

A projeção para o custo nacional da construção, em 2017, é de incremento de 3,1%, após a expansão de 6,6% registrada no ano passado. A fraca atividade e a taxa de desemprego elevada seguem como limitantes a um aumento maior dos custos da construção.



CENÁRIO SETORIAL INDÚSTRIA EXTRATIVA

PRODUÇÃO FÍSICA* ABR/17 ¹	BRASIL		QUANTIDADE		VALOR (US\$)	
	BRASIL	MINAS GERAIS				
	4,4%	3,5%				
EXPORTAÇÕES MINÉRIO DE FERRO MAI/17 ²	BRASIL		QUANTIDADE		VALOR (US\$)	
	BRASIL	MINAS GERAIS				
	2,9%	3,0%			26,1%	26,0%

DESTAQUES

O volume de produção na indústria extrativa brasileira aumentou 4,4% em abril, na comparação interanual. A mais recente unidade da Vale no estado do Pará contribuiu de forma significativa com esse resultado.

Em Minas Gerais, a produção registrou aumento de 3,5%, frente ao mesmo mês de 2016, vindo de uma variação interanual de +14,0% em março. Sem os efeitos da interrupção das atividades da Samarco, o setor extrativo tem mostrado, desde novembro/16, vestígios de uma recuperação incipiente. Vale ressaltar que o *ramp-up* do projeto Minas-Rio da Anglo American contribuiu para o resultado positivo.

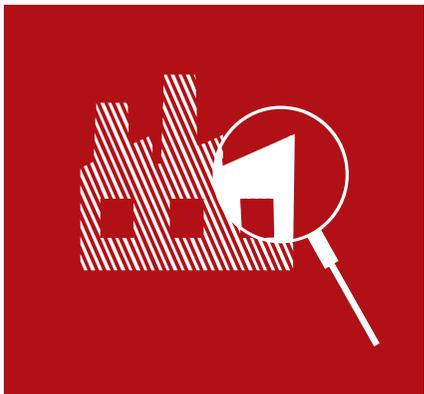
Após atingir, em fevereiro/17, sua maior cotação (US\$90/ton.) dos últimos dois anos, o preço do minério de ferro chegou a US\$57/ton. em maio, alcançando o menor nível desde outubro/16. As fragilidades financeiras da China e o controle de gastos em infraestrutura no país trouxeram dúvidas quanto ao futuro da demanda chinesa por *commodities*, pressionando os preços do minério de ferro para baixo. O ciclo de elevados níveis na demanda chinesa, observado anteriormente, vem sendo comprometido, uma vez que o governo local tem adotado uma série de medidas para enxugar crédito e conter estímulos econômicos no país.



PROJEÇÕES

A extração mineral nacional poderá atingir 434,9 milhões de toneladas em 2017, representando um incremento de 8,7% em relação a 2016. Em janeiro/17, o crescimento deverá ser favorecido pelo início da comercialização do minério de ferro produzido pela unidade da Vale em Carajás-PA.

As projeções para as exportações brasileiras da *commodity* são de acréscimo de 8,4% no ano, dada a expansão da produção nacional. Os preços do minério continuarão pressionados ao longo de 2017, em razão das expectativas de queda na demanda chinesa e do avanço da oferta global – inclusive com elevação na produção de mineradoras australianas. A cotação média deverá apresentar variação negativa de 10,9% entre 2017 e 2018, passando de US\$64/ton. para US\$57/ton., respectivamente.



CENÁRIO SETORIAL METALURGIA

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA			
	ABR/17 ¹	7,5	-0,2
FATURAMENTO			
	ABR/17 ¹	-5,7	-14,9
EXPORTAÇÕES	VOLUME (Kg)	13,9	7,7
	MAI/17 ¹	VALOR (US\$)	13,8
			8,1

DESTAQUES

O setor de metalurgia apresentou sinais tímidos de recuperação no primeiro quadrimestre do ano. A produção física nacional mostrou-se positiva no período (3,5%), assim como o saldo do emprego, que ficou positivo, tanto no Brasil (1.729 postos de trabalho) quanto em Minas Gerais (363 postos).

A recuperação da atividade no setor, no entanto, pode ser adiada pela crise política iniciada no final de maio/17. O ambiente turbulento que envolve o governo central afeta diretamente a confiança dos empresários e consumidores, voltando a provocar paralisia momentânea na economia no curto prazo. Diante desse cenário, a demanda por aço pode ser fortemente afetada, pois é insumo importante para outros setores, como a construção – grande consumidores de aços longos – e o de veículos e de máquinas e equipamentos – mais ligados ao consumo de aços planos.

No mercado externo, vale destacar que as exportações devem sustentar-se em valor, mas não em quantidade, dado um ambiente marcado pelo excesso de capacidade e pelo aumento do protecionismo em grandes mercados, como os EUA, onde são registradas restrições comerciais para vários tipos de aço brasileiro.



PROJEÇÕES

A expectativa é de aumento de 21% da cotação média de bobinas laminadas a quente no Brasil em 2017.

A projeção de consumo aparente de aço foi revisada para baixo e o crescimento que antes seria de 4,1%, deve atingir apenas 0,1% em 2017. Essa revisão levou em conta os resultados de abril, que vieram bem abaixo do esperado, e os possíveis efeitos da crise política sobre a atividade econômica.

MONITOR ECONÔMICO

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO:

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais

PRESIDENTE:

Olavo Machado Junior

RESPONSABILIDADE TÉCNICA:

Assessoria Econômica da FIEMG

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas através de dados públicos.
Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no conteúdo da mesma.

